

Voz da Fátima

Director, Editor e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Administrador: P. Carlos de Azevedo — Redacção: Largo Dr. Oliveira Salazar, 21 — Leiria, Administração: Santuário da Fátima, Cova da Iria, Composto e impresso nas Oficinas da «União Gráfica», Rua de Santa Marta, 48 — Lisboa N.

Peregrinação deFEVEREIRO, 13.....



A peregrinação mensal de Fevereiro ao Santuário de Nossa Senhora da Fátima na Cova da Iria foi mais concorrida que as dos últimos dois meses do ano findo e do primeiro mês do corrente ano. Ao contrário do que costuma suceder nos meses do ciclo do inverno, alguns peregrinos chegaram na véspera.

de geada cobria os terrenos adjacentes ao recinto das aparições. Mas o sol, espreitando por entre as nuvens, adoeceu em pouco com os seus raios a temperatura fria, até que, no fim dos actos religiosos oficiais, tornou a esconder-se para não mais tornar a aparecer. Ao meio-dia, depois da recitação do terço do Rosário em comum junto da capela das aparições presidida pelo rev.º Cônego

dr. Manuel Marques dos Santos, Reitor do Seminário e Vigário Geral da Diocese de Leiria, realizou-se a primeira procissão com a Imagem de Nossa Senhora da Fátima em direcção à nova igreja. Era precedida de duas longas filas de homens que rezavam e cantavam, piedosos e recolhidos. A veneranda Imagem ficou no seu andar ao lado do altar-mor provisório do grandioso templo. Celebrou a Missa dos doentes o rev.º P.º Isaias Gonçalves Marques, pároco de Alvados. Os doentes que assistiam no lugar que lhes estava reservado e que previamente tinham inscrito os seus nomes no respectivo livro de registo do Posto das verificações médicas eram apenas catorze. Ao Evangelho fez a homilia o

rev.º Cônego dr. José Galamba de Oliveira, professor no Seminário e assistente diocesano da A. C. de Leiria, que se encontrava no Santuário a dirigir os exercícios espirituais dos Servitas, nos quais tomaram parte também alguns médicos e outros cavalheiros de categoria. Falou sobre o evangelho do dia e a prática da caridade aproveitando o ensejo para expor os fins e a utilidade das beneméritas Conferências de S. Vicente de Paulo que tanto bem espiritual e material fazem na área onde exercem a sua acção. No fim do Santo Sacrifício, o rev. celebrante deu, como de costume, a bênção com o Santíssimo Sacramento, em primeiro lugar individualmente aos doentes e, depois do *Tantum ergo*, em

conjunto à multidão dos fiéis. O rev.º Cônego dr. Manuel Marques dos Santos proferiu as invocações habituais e renovou a consagração ao Imaculado Coração de Maria. Cantou-se a Missa de *Angelis* que foi acompanhada a órgão pelo novo pároco da freguesia da Fátima, rev.º P.º Augusto de Sousa, irmão do primeiro Reitor do Santuário.

Na igreja da Penitenciaría, as Missas sucederam-se umas às outras, com breves intervalos, até quasi ao meio-dia, tendo sido distribuído o Pão dos Anjos a muitas centenas de pessoas.

Houve grande número de confissões, apesar de estarem presentes relativamente poucos sacerdotes.

A multidão, após a última procissão e o canto do «Adeus», dispôs-se com a maior ordem e compostura, saúdosa dos ditos momentos passados aos pés de Jesus-Hóstia e de Nossa Senhora da Fátima no augusto Santuário das suas aparições das suas graças e dos seus milagres

VISCONDE DO MONTELO

ACÇÃO CATÓLICA

Unidade

É rico de sentido o lema da Acção Católica, extraído dos «Actos dos Apóstolos»: *um só coração e uma só alma — Cor unum et anima una.*

Sabe-se como viviam os primeiros cristãos: possuíam a mesma fé, generosamente partilhavam com os necessitados os haveres que o Senhor lhes havia concedido, sob a direcção dos Apóstolos formavam um exército de paz e de amor, destinado a conquistar o mundo para Cristo. Era o reinado da unidade de pensamento e de acção, que Jesus rogara ao Pai, na impressionante oração da Ceia.

Esta unidade, evidentemente, exigia abnegados sacrifícios, necessários para que o apostolado fôsse fecundo.

Em primeiro lugar, seguiam como supremo ideal de perfeição aquêle Senhor Jesus Cristo, cujo pensamento plenamente se abisma no pensamento do Pai, pois Ele é o Verbo incarnado e, conforme a palavra profunda do Evangelista, o Verbo, que existe desde o princípio, está em Deus, o Verbo é Deus.

Ora a unidade daquela fé, em Deus e no seu Cristo, dom sobrenatural que só o Senhor pode conceder, reclamava coragem decidida da parte dos cristãos, quasi todos recrutados nessa altura no próprio judaísmo. Tinham eles de alargar os seus horizontes muito para além dos limitados horizontes judaicos, cujo messianismo se tornara nacionalismo fechado, formalista e puramente natural; tinham de reconhecer que o Reino de Deus não é deste mundo, muito embora para os homens comece neste mundo, pela organização da Igreja e pela graça concedida a cada homem.

Admitir estes princípios significava reacção salutar contra a vigente mentalidade judaica. Muitos não tiveram a generosidade de fazer o sacrifício doloroso. Por isso Jesus, veio para o meio dos que eram seus, não foi recebido pela maioria dos seus que tiveram até a audácia sacrilega de o crucificarem, depois de o terem perseguido invidiosa e cruelmente.

Mas houve um grupo fiel, que lúcidamente compreendeu, como S. Pedro, que só Cristo possui palavras de vida eterna.

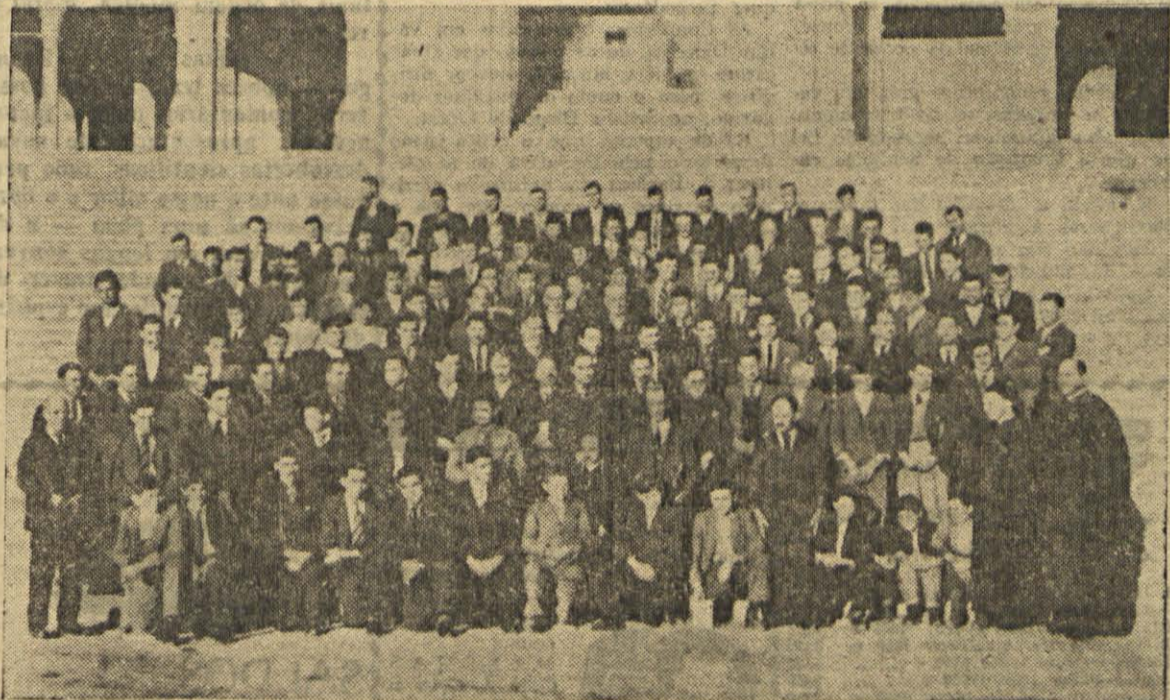
Na quente narrativa de S. Lucas, os primeiros cristãos, que receberam a palavra revelada, foram baptizados e ficaram agregados à Igreja nascente, «perseveraram na doutrina dos Apóstolos, e na comum fracção do pão e nas orações». «A multidão dos que criam tinham um só coração e uma só alma»

Esta fé ardente e inabalável ia ser a lâmpada sagrada, capaz de iluminar e aquecer as almas nas jornadas laboriosas e heróicas da acção.

A unidade da fé daria unidade à acção.

Precisamos nós todos de considerar profundamente as páginas dos «Actos dos Apóstolos», para aprendermos dócilmente a crer no Senhor, em vez de crermos, com perigosa confiança, nos nossos méritos e recursos.

† MANUEL, Bispo de Helenópolis



FATIMA — FEVEREIRO 1945 — Operários do Santuário que em número de 130 fizeram os seus exercícios espirituais durante quatro dias

CRUZADOS DA FATIMA

“Deus o Quere”

Eterna e nunca desmentida verdade é a palavra do Mestre Divino: «Bem-aventurados os pobres!...» (S. Luc, VI, 20).

De súbito me ocorreu este pensamento ao ler a carta de uma chefe de 13 «Trezenas» numa minúscula paróquia minhota, que dizia: «Quantos aos Cruzados, os que mais se queixam não são os pobrezinhos, mas sim os remedigados...»

Sim, bem-aventurados os pobres! — São eles que, quasi sempre, mais dispostos estão para os grandes sacrificios e onde se topam as dedicações mais firmes e abnegadas. Se há corações corrompidos e mesquinhos,

de ordinário o são por causa do excessivo apêgo aos bens que possuem ou ao oiro que desordenadamente cobijam.

Queridos «Cruzados da Fátima» avante! A causa é nobre, o momento urge. Deus o quere!

Não deixeis de mostrar agora a vossa devoção à Mãe de Deus. E porque os exemplos arrastam, deixai que vos apresente o caso dessa chefe de «Trezenas» que, cheia de compreensão e zelo, assim escrevia ao Rev. Director da Obra dos «Cruzados da Fátima» na sua Diocese: «Não me surpreendem, diz o aumento da cota minima, pois, de facto, tudo es-

tá mais caro, e portanto também o nosso jornal. Farei tudo o que puder para que os associados deste centro continuem no seu posto. Espero conseguí-lo. Estou na disposição de eu mesma entregar neste mês o jornal aos associados para lhes explicar a razão e necessidade do aumento da cota, para que eles continuem». (Notícias de Beja, Janeiro, 13).

Segundo os estatutos (artigo I) a

(Continua na 1.ª página)

ESCLARECENDO...

Em resposta a perguntas que nos têm sido feitas declaramos que o Santuário da Fátima nada tem com a «Sociedade de Melhoramentos da Fátima, L.ª».

P. Amílcar Martins Fontes, Reitor do Santuário

O CARRILHÃO DE FÁTIMA

Está na memória de todos os Portugueses a empolgante e incomparável manifestação de fé e piedade que a Juventude Católica Feminina promoveu em 1942. O 2.º Congresso Nacional da J. C. F. celebrado sob a égide de Nossa Senhora da Fátima, constituiu a mais extraordinária romagem de amor à Santíssima Virgem.

A Imagem de Nossa Senhora que se venera na Cova da Iria recebeu as homenagens de muitos milhares de crentes, desde a Fátima à Capital do Império.

Nessa data memoranda lançou-se a iniciativa, entre as mulheres e as raparigas portuguesas, de ofertar à Padroeira uma coroa de ouro, fabricada com os sacrifícios generosos dos corações femininos.

Quasi não foi necessário fazer propaganda intensa de tal ideia. Estava na alma e no coração das mulheres portuguesas, e, assim, de todos os recantos de Portugal, chegaram às mãos das Dirigentes das Organizações Femininas os donativos, os objectos de ouro, as pedras preciosas de que se desprendiam ricas e pobres, num gesto de amor à Virgem.

Volvido algum tempo, após a iniciativa lançada, numa Peregrinação Nacional da Liga de Acção Católica — Peregrinação a que presidiu Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca — a Comissão de Ilustres Senhoras que se votara à realização da formosa ideia, entregava, na Fátima, a preciosa e riquíssima coroa de ouro, afirmação eloquente da piedade das mulheres católicas de Portugal, a traduzir uma prece pela Paz e a confiança filial em Maria Santíssima, nas horas indecisas e conturbadas que temos vivido.

Mas a generosidade dos corações que creem e amam não tem limites. Essa generosidade nunca desmentida deu ensanchas a que, no alto da torre da igreja em construção, se possa collocar uma grande coroa de bronze, ampliação gigantesca da coroa de ouro ofertada.

E, assim, num futuro próximo, veremos, a projectar-se no firmamento essa coroa grandiosa, reprodução fiel da que a Comissão de Senhoras entregara.

E ainda a devoção das mulheres portuguesas a afirmar-se...

Mas não fica por aqui a generosidade das multidões femininas.

Quando a paz vier à Europa, como dom celeste tão ardentemente pedido e esperado, assistiremos, certa-

mente, a formidáveis manifestações de graças a Deus Nosso Senhor que, por intercessão de Nossa Senhora do Rosário da Fátima nos preservou dos horrores da guerra.

Nessa hora, a imagem da Virgem da Fátima há-de ostentar a coroa de pedras preciosas onde brilham as lágrimas, as ofertas, os anseios, os agradecimentos de tantas mães, de tantas noivas, de tantas mulheres portuguesas.

Nessa hora de regozijo nacional, das sineiras da igreja da Cova da Iria há-de partir os sons harmoniosos do carrilhão, a repercutirem-se nas quebradas das serras de Portugal, como eco da alegria das nossas gentes.

Iniciaram-se já os trabalhos de fundição de 25 sinos, em escala cromática.

E são ainda as mulheres portuguesas que chamam a si a iniciativa de oferecer à Fátima esse grande carrilhão.

Em várias Dioceses, com a aprovação dos Ex.ºs Prelados, estão constituídas comissões de Senhoras que vão angariando donativos para custear as despesas de um sino.

Seria admirável que em cada sino, ficasse gravada a imagem da Padroeira de cada Diocese, — pois que não há diocese alguma em Portugal que não tenha Nossa Senhora como Padroeira.

Tal realização ficaria a patentear, através dos tempos, a devoção e o reconhecimento de todo o Império à Excelsa Rainha que se dignou, mais uma vez, salvar Portugal.

Estão depositados já bastantes donativos, em dinheiro, objectos de metal, moedas de cobre, etc., que se destinam à fundição dos sinos.

Tanto na Fátima, no Santuário, como em Leiria, no Paço Episcopal, se recebem todas as ofertas de qualquer procedência.

As Comissões organizadas em várias Dioceses, ou as pessoas que abraçaram a ideia lançada, devem dirigir-se, para o envio de qualquer donativo, ao Senhor Bispo de Leiria.

E de esperar que o entusiasmo despertado pela iniciativa de se oferecer à Basílica da Fátima o carrilhão de sinos vá aumentando, dia a dia, e tenhamos todos a satisfação e o contentamento incomparáveis de escutar os hinos da Paz em vozes de bronze, na hora de alegria nacional.

P.º Domingos da Apresentação Fernandes

Palavras de um Médico

2.ª série

Noções DE HIGIENE DO CORPO E DA ALMA

Com este título acaba o Santuário da Fátima de editar uma colectânea de 50 deliciosos artigos escritos pelo Sr. Dr. J. A. Pires de Lima para a Voz da Fátima.

Publicados mês a mês, já havíamos saboreado a prosa castiça, equilibrada e sã do ilustre Professor da Universidade Sr. Dr. Pires de Lima. Mas achámos optima a ideia de, correspondendo ao pedido de muitos leitores, se editar em volume este conjunto.

O jornal perde-se e o livro fica. Os leitores da Voz da Fátima podem assim ter a alegria e consolação espiritual de manusear este pequeno e elegante volume de 180 páginas.

A óptima apresentação interior e exterior torna apetecível e atraente o livro que honra as oficinas da GRAFICA — LEIRIA.

Os assuntos curiosíssimos e actuais de ordem médica, moral e religiosa.

Coisas velhas como o Evangelho, nobres tradições da nossa terra, comentários leves a factos actuais, apresentação de novas descobertas científicas, tudo perpassa ante o nosso olhar e o livro deixa-nos só uma pena — a de não podermos em longas conversas gozar do culto prazer do convívio com o cultíssimo espirito do ilustre Mestre.

Eu confesso-me a Deus...

— Pois claro, e eu também. Quando me joelho aos pés de um sacerdote não é por ele ser mais santo ou mais inteligente ou mais culto do que eu. É apenas por ele ter recebido de Deus o poder de me perdoar os pecados.

Quando o sacerdote depois de eu me acusar me absolve e perdoa, eu como que vejo através das palavras e do gesto do sacerdote a figura e a voz do Senhor de quem ele é ministro.

Ao levantar-me venho outro. Os pecados ficaram apagados. Na minha alma fez-se de novo a luz, a luz da graça. Eu sei que Deus habita em mim. Uma alegria imensa me enche o coração. Ressuscitei. Sou um homem novo. Sou filho de Deus. Sinto a grandeza do meu destino eterno e da glória que o Senhor me reserva.

A luta continua. Mais renhida talvez, mas não importa. Até aqui era eu que caía. Agora é Deus que me sustenta e ampara com a sua graça. Se eu for fiel, se eu souber aproveitar os meios que o Senhor me oferece lutarei e triunfarei.

Por que há gente que se não confessa?

Porque no fundo são cobardes. Venceu-os o respeito humano, o medo da critica, da troça, a preguiça, a indolência.

Não querem lutar. A sua vida é feita de uma série interminável de baixezas, cedências e vilanias que não querem abandonar. Daí o horror a este sacramento de amor e misericórdia.

Tu leitor amigo não serás assim.

Estamos na Quaresma: Não te esqueças. Prepara-te bem. Examina a tua vida. Arrepênde-te. Propõe uma emenda sincera. E vai. Não te arrependers.

Cruzados da Fátima

"Deus o Quere"

(Continuação da 1.ª página)

Pia União dos Cruzados da Fátima é uma obra auxiliar da Acção Católica em Portugal e o seu órgão oficial é o jornal, o nosso jornal, a «Voz da Fátima», o mensário de Nossa Senhora, carta amiga que, em cada mês ela nos envia, qual ordem de comando dirigida ao pacífico exército de mais de meio milhão de «Cruzados».

Avante, pois, Deus o quere!

C. de A.

Nota
Recordamos aos Cruzados da Fátima que para lucrarem as graças espirituais com Missas, Indulgências etc., é preciso estarem inscritos nas respectivas dioceses.



Substitua os seus antigos quadros religiosos pelas lindas imagens que Topazio criou. São maravilhas de arte para presentes de distincão. Veja se tem gravada a marca original.

TOPAZIO

A venda nas ourivesarias.

SE SOFRE do estômago, fígado e intestinos tome com regularidade
CHA BOM GUIA N.º 2
o chá medicinal que debela azias, mas digestões gaseas, prisão de ventre e as consequentes dores de cabeça.
A venda em todas as farmácias do País
Aos preços de 5000, 9000, 17050
Depositário:
Farmácia Silva Carvalho
Rua dos Fanqueiros, 126

Rainha das MISSÕES ROGAI POR NOS

por Berta Leite

Nesta 1.ª «Semana das Missões» festivamente comemorada pela Igreja portuguesa, quereíamos pedir a todos os Missionários de todas as ordens religiosas, que ao lado da devoção ao Padroeiro, Beato João de Brito, collocassem a devoção à Senhora branca, toda pura, à Senhora do Rosário da Fátima.

Foi a Virgem Maria em toda a História das Missões a principal auxiliadora dos Missionários que partiam para os mistérios do oceano e da vida dura da conversão dos infelizes.

São inumeráveis os milagres realizados pela Mãe Santíssima de Jesus, durante as viagens tormentosas com tempestades e calmarias, com dificuldades e desânimos. Quem uma vez compulsou documentos e cartas, depressa se apercebe de que a Virgem não está apenas ligada à História da Metrópole, mas que representa a figura de maior realce nos grandes cometimentos dos portugueses navegadores, colonizadores e apóstolos. Todos — sem distincão de classes nem de hierarquias, Lhe prestaram culto e homenagem, ou Lhe cantaram ladainhas. Todas as invocações de Maria passaram pelos lábios dos que andaram perdidos nas selvas, nos matos ou nas ondas do mar bravo...

Faz ternura ler os testemunhos de gratidão à Virgem do Balar-te, à Senhora da Boa Viagem, a Santa Maria de Belém e à Senhora dos Navegantes. Por que não escolherão os Missionários de hoje, como sua Padroeira, a invocação da Senhora aparecida na Cova da Iria?

Mais perto está de todos os portugueses que dos outros povos a Senhora do Rosário da Fátima.

Dêem-Lhe êles, e demos-Lhe nós, o título supremo de Rainha das Missões, e as Missões reinarão sobre o mundo como chama de paz e amor.

Juntamente, pois, a Ladainha, a seguinte prece: Rainha das Missões, rogai por nós!

Calendário de N.ª S.ª da Fátima

(1945)

Entrou no sexto ano da sua publicação e constitui um elegante e delicado brinde. Preço de cada exemplar, 1\$00. Pelo correio, 1\$30. Pedidos à Administração da «Stella» — Cova da Iria (Fátima).

«VOZ DA FÁTIMA»

A quem ainda não pagou a sua assinatura, e caso o possa fazer, vimos lembrar que podem mandar-nos as respectivas importâncias em vales do correio pagáveis à VOZ DA FÁTIMA — COVA DA IRIA.

Império das meias

Av. Almirante Reis, 173-D — LISBOA

A primeira casa do país em meias e peúgas!

E via pelo correio para a PROVINCIA e ILHAS, os s/saldos exclusivos DE MEIAS BARATAS!
Meias seda muito finas, saldo 7000
Meias seda gase, finissimas 11050 e ... 9000
Meias algodão c/ bom reforço 2050 e ... 2020
Meias escócia, fortes 7050 e 4050
Meias linho autêntico, muito finas, 11050 e ... 9050
Meias seda tipo natural, tons distintos 24050 e ... 21050
Confiem V. Ex.ª na escolha dos n/artigos.
Atendemos todos os pedidos c/ a maior atenção.

SALDOS!!

Para Beneficência
De meias, malhas e roupa

- 3 lotes meias seda gase muito finas 10000 9000 e ... 7000
- Meias seda tipo natural 10000 e 10050 10000 e ... 10050
- Meias algodão c/ reforço 2050 e ... 2020
- Meias escócia forte 8050 e ... 5000
- Meias linho fino 11050 e ... 9050
- Peúgas de algodão forte 2000 e ... 2070
- Peúgas fantasia fina 0550 e ... 3950
- Blusas georgete estampado, lindas decorações, c/mangas, li- quidam-se por ... 50000
- Camisãs, bom zefir 10050 e ... 17050
- Cuecas boa zefir 0070 e ... 0000
- Fazendas lá para sala e casaco metro ... 10050
- Camisãs malha forte brancas 27050
- Camisolas p.ª hom. e/manga 10000
- Casacos malha lá várias cores 7000 e ... 50050
- Camisolinhas malha fantasia p.ª menina e menino 24050 e ... 22050
- e muitos outros saldos
- Liquidação de sedas e outros tecidos.

PROVINCIA e ILHAS, enviamos amostras e tudo pelo Correio Armazéns de

A Competidora das meias
R. Arco Marquês do Alegrete, 39-1.ª LISBOA

REMEDIO D.D.D.

(uso externo)

É uma mistura normal de substâncias depurativas, cujo poder das suas propriedades terapêuticas combate enérgicamente toda a variedade de doenças de pele, como:



MANCHAS, CHAGAS, FURÚNCULOS, ÚLCERAS, VARIZES, FERIDAS INFECTADAS, ECZEMAS, PSORIASES, DERMATITE, PÊS DORIDOS, QUEIMADURAS e FRIEIRAS.

A VENDA NAS FARMACIAS E DROGARIAS

IMPORTANTE:
Se preza a saúde e a frescura da pele, use um sabonete extra-puro, o sabonete inglês D. D. D.

D.D.D.
O Remédio para a pele

SALDOS DE SUCESSO!!

Todos Aproveitam!
A maior Organização de venda de Meias e Peúgas!!

- Meias gase, 2.ª, finissimas ... 9000
- Meias seda finas, de 1.ª ... 10000
- Seda gase, muito finas ... 12050
- Seda fina, Duchesse ... 15000
- Seda e linho, boa duração ... 17050
- Meias linho, bom artigo ... 12050
- Meias algodão, lote reclamo ... 3000
- Meias algodão fino, saldo ... 5000
- Meias escócia, bom artigo ... 7050
- Peúgas fantasia c/ seda ... 6050

Armazéns Populares da PRINCESA DAS MEIAS
Rua do Crucifixo, 75, 1.ª Lisboa

- (Próximo da Igreja N.ª S.ª da Vitória)
- Panos ramados p.ª mezinhas ... 9000
- Jogos 5 napperona p.ª bordar ... 8050
- Colchas seda adamascadas ... 12000
- Camisas br.ª c/ ajour cor ... 9000
- Combinações br.ª c/ ajour cor 14000
- Lenços opalite cor, saldo ... 1000
- Veus pr.ª arredados p.ª Igreja 17050
- Cachecóis setim fantasia ... 7050
- Provincia e Ilhas, enviamos Amostras Gratis e tudo a contra-reembol- so!!!

Este número foi visado pela Censura

Medalhas Religiosas

encontra-se à venda no Santuário da Fátima, toda a edição das preciosas medalhas religiosas, assinadas pelo escultor
JOÃO DA SILVA

Graças de N. S. da Fátima Uma Graça de S. JOSÉ

AVISO IMPORTANTE

Dora-avante todos os relatos de graças obtidas devem vir autenticados pelo Rev. Pároco da freguesia e acompanhados de atestados médicos quando tratem de curas.

De contrário não serão publicados.

NO CONTINENTE

D. Maria Isabel Nogueira Piano, Lisboa, tendo sido atropelada por um automóvel na Av. Almirante Reis, em 28 de Agosto de 1937, ficou com a perna esquerda fracturada pelo joelho. Deixemos que ela nos narre o sucedido: «Levaram-me para o Hospital onde fiquei internada até ao dia 10 de outubro do mesmo ano, sempre acompanhada de uma imagem de Nossa Senhora da Fátima. Regressei a minha casa, mas sem poder mexer a perna. Fiz tudo o que me mandaram para melhorar, mas cada vez me sentia pior, pois não podia levantar o pé, só o arrastava para trás, arrastando a perna.

Era por isso que muitas pessoas amigas me chamavam o caranguejo. Tinha grande desgosto com isso, e chorava sozinho, pedindo à Santíssima Virgem que me valesse conforme fosse a sua vontade; pedia-lhe mais resignação. Assim passei três longos anos de martírio que ofereci a Deus. Um dia, acordei de manhã, muito triste e fiz esta oração: «Ó meu Deus, Todo Poderoso, valei-me; estou resignada a andar toda a minha vida encostada à muleta, pois quereis assim. Mas dai-me, por piedade, uma coisa com que eu possa andar para a frente». Fazendo esta prece senti-me confortada e alegre. Era a Mãe Santíssima que me dava esperança e coragem. Levantei-me do leito e tive a ideia de atar o pé com uma corda e puchá-lo para a frente, e assim fiz. Depois substituí a corda por uma correia que me dava a volta à cinta, e desta maneira comecei a sair à rua e até a primeira caminhada maior que dei, foi para visitar Nossa Senhora da Fátima, na sua ida a Lisboa.

Assim andava, com a correia e a muleta, até que no dia 4 de setembro de 1944 fui à Cová da Iria, onde rezei e pedi, mas dizendo sempre que a vontade de Deus se fizesse.

No dia 6, ao sair da capelinha das Aparições, senti um aborrecimento à muleta que entreguei ao meu filho, e andei para a frente, só com a correia, e fui até ao lugar da Lomba d'Egua, com espanto da minha família. No dia 13, assisti à Missa dos doentes e fiz com muita fé as costumadas invocações. Ao receber a bênção do Santíssimo Sacramento, dada pelo Senhor Bispo de Salamanca, fui levada a tirar a correia do pé; e absorvida nas minhas preces não me lembrei mais do que tinha feito até que indo a andar naturalmente, o meu filho chamou-me a atenção para a correia desligada. Estava curada; o que eu senti não o posso explicar. O meu filho e a minha nora abraçaram-se a mim e todos choraram de comção. Nunca mais usei a muleta nem pus a correia; já são volvidos três meses, que eu levanto o pé e o movo. Havia 7 anos, que o não podia fazer.

D. Maria da Visitação, Guarda, diz que, por via de um susto que lhe meteram, quando criança, perdera a fala quasi por completo. Consultou alguns médicos que lhe declararam não ter cura o seu mal.

Assim andou até aos 26 anos. Sabendo, entretanto, das graças que Nossa Senhora da Fátima tem concedido a tantos que a e'a recorrem, lembrou-se também de ir à Fátima e, cheia de fé, dizia que, caso bebesse da água milagrosa, seria curada. Assim aconteceu. Foi à Fátima, bebeu com fé água do Santuário e encontra-se completamente curada.

D. Maria Amélia de Sousa Ferreira, Lousado, diz que havia 19 anos que seu pai estava no Brasil

esquecido da mulher e dos filhos que quasi não tinham esperança no seu regresso. Cheia de confiança em Nossa Senhora da Fátima, a filha principiou-lhe uma novena em 13 de Março.

Efectivamente Nossa Senhora trouxe-lhe o pai em 20 de Abril, contra tudo o que esperava.

D. Júlia de Jesus Cardoso, Proença-a-Nova, sofrendo havia 17 anos de uma terrível doença do estômago, não conservando alimento algum, vomitando sangue, foi desamparada dos médicos, depois de recorrer a Nossa Senhora da Fátima, diz se completamente curada e vem, por este modo, agradecer a Nossa Senhora.

Amadeu de Vasconcelos, Vila-Paredes, escreve: «Depois de um parto apareceu a minha mulher, Isabel Maria Stuart, uma infecção que, generalizando-se, não cedia ao ataque mais completo que o médico lhe podia fazer. Os dias sucediam-se e a doença progredia assustadoramente. O estado de fraqueza da doente era extraordinário. As dores eram grandes e continuas. O médico, de uma dedicação admirável, não se descurava. Num certo dia, depois de um exame rigoroso, afirma que devia ser necessária uma operação; que esperava apenas até ao dia seguinte, mas que, no seu entender, já não se podia fugir. Preparou a doente, aconselhando-a a que não se assustasse, etc.

Minha mulher ficou numa excitação enorme e não queria convencer-se de que tinha de ser operada. Pediu a Deus que, se fosse essa a Sua Vontade, lhe desse coragem e resistência. Juntamente comigo pediu a intervenção de Nossa Senhora da Fátima, aplicando água da Fátima sobre a parte mais dolorida do ventre, e fizemos uma promessa, caso não fosse necessária a intervenção cirúrgica. Foi isto ao fim da tarde. No dia seguinte, de manhã, as dores tinham desaparecido e o estado dela era calmo! O médico chegou e ficou admirado. A necessidade da operação tinha desaparecido e minha mulher entrou em convalescença. Só alguns dias depois se levantou, mas só porque a falta de forças era grande, de resto estava sem dores e sem febre!

Depois disto, passados meses tive-nos uma grande aflicção na nossa vida. Quando todas, absolutamente todas, as minhas esperanças desapareceram, recorremos a Nossa Senhora da Fátima.

Inesperadamente apareceu-nos a dificuldade resolvida de uma forma que eu não podia supor.

Como foram incontestavelmente dois milagres — e eu se o afirmo é porque sei, pois sendo comigo que as coisas se passaram não admira a dívida — comunico-os a V. Ex.ª pedindo-lhe de publicação.

D. Hermenegilda Ribeiro Leitão, Odivelas, Loures, escreve: «Há anos já que estive gravemente enferma, a pontos de não ver, não ouvir, nem falar. Estava viva sem noção de coisa alguma e todos esperavam à cada momento a minha morte. Tenho três filhos e marido. Chegou-se a espalhar que eu já tinha expirado, por isso se encheu a minha casa de gente e já se preparavam para me amortalhar quando um meu cunhado, alma cheia de fé, me deu a beber água da Fátima que eu pude engolir pois havia já alguns dias que não engolia coisa alguma. Lembra-me de ter nessa altura apalpado uma medalha de Nossa Senhora da Fátima que me puseram ao pescoço. Foi nesse momento que principiei a melhorar lentamente, e, passados meses estava completamente curada. Nunca mais deixei de agradecer a Nossa Senhora tão grande graça que nunca agradecerei como devo».

D. Bárbara Fernandes, Mértola, escreve: «No Monte de Algodor, Alcaria Ruiva, vive uma menina de 12 anos, chamada Francisca, filha de António Catapirro e de Matilde Fernandes Catapirro. A pequena esteve tão mal que o médico declarou aos pais ter perdido todas as esperanças de a salvar. Um dia a pequena entrou em estado de coma; uma sua tia deu-lhe a beber água da Fátima pedindo ao mesmo tempo a Nossa Se-

nhora a cura da sobrinha. Daí a momentos, a criança começou a reanimar-se; nessa mesma tarde foi surpreendida de joelhos, em cima do leito, concertando os cabelos. A cura foi completa.

Agradecem a Nossa Senhora da Fátima as graças recebidas

- D. Lidia Neves Sinde, Coja.
- D. Maria Pinto Carneiro, Santa Eulália do Banho.
- Manuel Freitas, Belém.
- P.º Clemente Lourenço Pereira, Padornelo.
- José Pereira da Cunha, Guimarães.
- D. Maria do Carmo Cabral, Terra-Chã (Açóres).
- D. Maria de Lourdes de Albuquerque.
- José Oliveira Caseiro Pereira dos Reis, Regueira-de-Pontes.
- D. Maria de Sousa Correia, Lousada.
- Joaquim Graça Gonçalves Sôlha, Lousada.
- D. Francisca do Rosário Albuquerque, Beijós.
- D. Laura Pinheiro, Carregado.
- D. Maria Mendonça, Funchal.
- Anselmo de Sousa Pacheco, S. Jorge (Açóres).
- D. Maria J. Sardinha, Funchal.
- D. Maria Ernestina Erança de Resende, P. Deгада.
- D. Maria Proença, Fundão.
- D. Maria de Oliveira S. Gaia.
- D. Elisa Rodrigues de Sousa, Barreiro.
- António Monteiro, Tagilde.
- D. Rosa M. Moura Neves Xavier, Vila-de-Rei.
- D. Deolinda de Sousa Guimarães, Santo Tirso.
- D. Alice Vaz Tecedeira, Mira de Aire.
- D. Beatriz Correia Lopes de Oliveira.
- D. Maria do Céu Bulcão Bojr, Faial.

VOZ DA FATIMA

Despesa	
Transporte	2.843.675\$33
Papel, comp. imp. do n.º 269	28.877\$25
Franq. Emb. Transporte do n.º 269 ...	6.778\$70
Na Administração ...	315\$00
Total	2.879.646\$28

Donativos desde 20\$00

- Mons. Paulo Marques, Lisboa, 50\$;
- D. Francisca Duarte Oliveira, Lisboa, 20\$00;
- César Gomes Oliveira, Funchal, 50\$00;
- D. Angelina Cabral Rosa, Leiria, 20\$00;
- Joaquim G. Gonçalves Sôlha, Lousada, 20\$00;
- D. Maria da C. Borges, Lousada, 20\$00;
- D. Josefa Moraes Pires, Torre de D. Chama, 20\$00;
- D. Octávia Maria Garcia, Coimbra, 50\$00;
- D. Maria José Sancho Fonseca, Faro, 50\$00;
- Eugénia Alice Jorge Lourenço, Ribadeira, 100\$00;
- D. Alzira Anjos Ferreira, Podence, 60\$00;
- António Mendes Cavaleiro, Coimbra, 20\$00;
- P.º Abílio Mendes, Barreiro, 150\$00;
- D. Assunção Cabral, Lisboa, 25\$00;
- D. Maria Helena R. Diogo, Fanadia, 20\$00;
- Jaimé de Jesus Queijo, Samões, 50\$00;
- D. Laura Quaresma, Porto, 20\$00;
- D. Francisca da Cunha Sotto-Mayor, 20\$00;
- D. Raimunda de Paiva Ribeiro, Escalhão, 20\$00;
- Cecília Castro Pereira, 20\$00;
- D. Ana Maria da Silva, Porto, 40\$00;
- Manuel Ribeiro Correia, Casevel, 20\$00;
- P.º António de Sousa Duarte, Vendas-Novas, 40\$00;
- D. Maria Nazare Ventura, Arganil, 20\$00;
- Manuel Maria Gonçalves, Barcelos, 50\$;
- D. Elisa de Sousa, 50\$00;
- D. Isabel da Luz Vieira, 65\$00;
- Alberto José Q. Quinta, Alcácer-do-Sal, 25\$00;
- D. Maria Saturnino Meireles Bariga, F. da Foz, 20\$00;
- Elsio Costa, Porto, 60\$00;
- P.º António Duarte Patuleia, Belas, 90\$00;
- D. Maria de Lourdes Pelejo, Pedrouços, 20\$00.

— Três vezes quatro, doze... Três vezes cinco, quinze... Três vezes seis, dezêto...

Nunca a Irmã Maria de S. José se agarrara com maior ansiedade aos cálculos da multiplicação.

Três vezes seis, dezêto! Mas as pequenitas eram vintel E para repartir em seis pedaços cada um dos três pães — que tomavam um aspecto desolador alinhados a uma canto do enorme tabuleiro — ficava um quinhão tão minguado para aquelas boquitas sempre esmoreadas...

— Não chega... não chega... — murmurava a Religiosa embaraçada, repassando em seguida o olhar pelas prateleiras e caixas da dispensa. Não havia massa, não havia arroz; as últimas batatas tinham sido gastas na sementeira do quintalejo por detrás do Orfanato.

Para a ceia daquela noite eram também por assim dizer as últimas couves, maltratadas por um inverno tão longo como duro, e estavam ali aqueles três pães que era necessário dividir... por umas regras de matemática de que, positivamente, a boa irmã não percebia patavina.

— Trrr... Trrr... Um ratito, animado pelo silêncio e pela imobilidade da Religiosa, começava — ou recomeçava — a roer, e, arrancada ao seu doloroso cogitar, a Irmã S. José pegou no tabuleiro, com os pães a nadar em cima, saiu, fechou a porta e levantou os olhos implorantes para a estampa do Santo do seu nome ali pregada.

Era S. José o economo, o dispensário do Orfanato. Então porque temer?... Porque desanimar?... Estava-se justamente na véspera da sua festa. E ele faria um milagre. Quantos não teria já feito para a manutenção daque's orfanizmas?...

— Irmã S. José!... Era a Superiora que passava e a sua fisionomia preocupada fez esquecer de pronto a complicada divisão dos pães e a sua mais que problemática multiplicação.

Momentos depois, no modesto escritório as duas religiosas encararam-se gravemente. Tratava-se nada menos de uma ordem de despejo pelo proprietário da casa se no dia seguinte às onze horas da manhã lhe não fosse entregue a segunda prestação da compra da mesma, conforme fóra estipulado no contracto.

— Escrevi-lhe a pedir espera — explicava a Superiora, falei-lhe da morte da benfiteira que tinha prometido auxiliar-nos e na obra indispensável da cobertura do terraço. Não quero atender a nada. Veja!

E estendia a carta, seca, lacónica, de uma dureza confrangedora tanto mais que se tratava de um rico proprietário e comerciante.

— Vá, Irmã — continuou. As pequenitas devem ter acabado de comer — a ceia era tão fraca... Pega-lhes o sacrificio do recreio e vão já para a capela... pedir um milagre!

— Pido-lhe-emos por intercessão de S. José. Amanhã, não deixará de valer-nos.

— Sim... Confiemos... Enquanto punha em ordem alguns papéis não podia, porém, a Superiora esquecer que todos aqueles estômagos tinham ficado mal confortados com o caldo de couves e o pedacito de pão. Resolveu tocar a sineta mais cedo e pôr tudo a dormir. Dentro em pouco, pois, tudo era silêncio e paz no Orfanato.

... .. Trriim... Trriim... Ajoelhada na capela, agora sozinho, a Superiora sobressaltou-se com o toque da campainha da porta da rua. Logo, contudo, serenou. E que, afinal, não era ainda tarde. Nem sequer tinham dado dez horas. Cautelosa porém, dirigiu-se a uma das janelas do primeiro andar e, debruçando-se e vendo um vulto de homem, perguntou:

— Que é? Que deseja?

— Peço desculpa da hora, mas precisava de entregar uma carta à Irmã Superiora.

— Sou eu... desço já... Hesitou ainda se deveria chamar a Irmã S. José, mas resolveu:

— Não abro senão o postigo.

Antes que ela o fizesse e como se lhe tivesse adivinhado o receio, o homem meteu a carta na caixa da correspondência e disse:

— Al vai... Não se incomode a abrir, minha Irmã... Muito boa noite...

No entanto a Religiosa — e sem que pudesse compreender o seu gesto — correu o postigo e, à luz do candeeiro de iluminação pública mesmo em frente, distinguu um rosto de aspecto nobre, com uma barba e uma doçura de expressão em tudo como a das imagens de S. José...

— Vamos, são horas de voltar...

Mas as orfanizmas, como passaritos saltitantes e chilreantes, pareciam pouco dispostas a abandonar o jardim municipal que ficava a dois passos do Orfanato.

— Está a tarde tão boa que, na verdade faz pena...

A observação vinha de um banco próximo do que as duas religiosas ocupavam, um pouco isoladas por um maciço de bambús. Ao som daquela voz a Superiora levantou os olhos e com dificuldade reteve a exclamação que lhe subia aos lábios: era o homem daquela noite, havia já cerca de três meses, que, num sobrescrito, com uma folha de papel em que se lia apenas — *Escola enviada por S. José* — lhe entregara a quantia exacta para o pagamento exigido no dia seguinte: três mil e quinhentos escudos.

Era ele, não havia dúvida e as Irmãs entreolhavam-se como se dissessem uma à outra:

— E preciso tirarmos esta impressão de que foi S. José em pessoa...

Nisto uma das crianças, que vinha correndo tropeçou no banco do desconhecido e este, carinhosamente, levantou-a e entregou-a à Superiora que se levantara também e aproximara:

— Muito obrigada — disse ela. E parece-me que posso aproveitar ainda a ocasião para outros agradecimentos. Não foi V. Ex.ª que no dia 18 de Março...

O homem sorriu:

— E se eu dissesse que não, ficariam talvez imaginando coisas extraordinárias...

As Religiosas sorriam também.

— Se é que as não imaginaram já...

— E tão natural — disse então a Superiora. Suponha V. Ex.ª que...

— Não preciso de supor, porque sei de certeza. Estava nessa mesma tarde no escritório do proprietário do prédio onde está o Orfanato quando tive por acaso conhecimento do que se passava sobre a venda...

— E então quis fazer de S. José...

— Nada disso! E, já agora, explicou tudo. Sou um simples professor e as minhas economias não me dão para essas generosidades. Suceden, porém, que tendo há pouco falecido uma minha tia e tendo eu herdado o recheio da sua casa, passei por lá a dar uma volta e vou encontrar numa caixa sob a imagem de S. José, de quem ela era particularmente devota, a quantia exacta que era precisa para conservar o abrigo a estas pobres pequenitas... Já vêem que não houve milagre...

— Pelo contrário, cada vez o vemos mais claro — atalhou a Superiora.

— E milagre do meu Santo Patrono — murmurou convicta a Irmã S. José.

M. de F.

CONTOS

por Maria de Freitas

— o mais lindo livro de contos para todas as idades — magnificas gravuras. A venda em todas as livrarias e na GRAFICA — LEIRIA. Preço 8\$00 — Pelo correio 9\$50.

CONVERSANDO

Pio XII Como Príncipe da Paz

Foi lida, há poucos dias, em cultura, no meio de todos os pontos das igrejas da Arquidiocese de Liverpool, na Inglaterra, uma carta pastoral do respectivo Prelado, pondo em toda a luz a alta figura do Santo Padre Pio XII como Príncipe da Paz e mostrando que, em consequência de autorizados e perspicazes observadores terem frequentemente considerado e declarado sua Santidade o Papa o mais elevado expoente da concepção moral e religiosa no Mundo independente e neutro, devia este tomar parte na futura Conferência da Paz Mundial.

Anuncia-se também, em jornal daquela cidade, onde a Pastoral foi publicada, que se julga provável que na próxima conferência dos Bispos católicos da Grã-Bretanha a realizar, como de costume a seguir à Páscoa, seria tratado o mesmo momentoso e importante assunto.

Não faltam em outros Países, mormente nos Estados Unidos da América do Norte, pessoas categorizadas de representação social a orientarem-se em igual rumo.

Nada de mais justo nem de mais próprio na presente conjuntura.

Desde que a actual Guerra começou, o Santo Padre Pio XII levou os seus esforços, pela paz e pelo bem dos Povos, a limites que puseram a dignidade humana numa auréola de raro e imarcescível esplendor.

Lembre-se a coragem com que afrontou os primeiros movimentos da guerra sobre a Bélgica e a Holanda, a vigilante atenção com que seguiu o desenrolar das consequentes tragédias, e como tem delicadamente acudido às suas vítimas por tantos e variados meios! Lembre-se mais a decisão indômita com que repetiu e proclamou, na sua maior oportunidade, os únicos princípios sobre que é possível uma paz duradoura!

E lembre-se, igualmente, a sua Mensagem do recente Natal acerca do governo dos Estados em justo entendimento de governantes e governados!

Palavras de verdade e conciliação como outras tão alto se não ouviram através das paixões e dos ódios que de todos os lados ressumavam.

Além desta integral atitude pessoal de justiça e caridade, é sobretudo de salientar que Pio XII é o Supremo Chefe da maior unidade espiritual do Orbe, com organização universal própria, tendo as suas activas instituições de assistência, de instrução, de ciência e de sacrifício, servidas por elementos de escôla da melhor

PALAVRAS DE UM MÉDICO

Ficaria assim escrita uma das mais belas páginas da história; a Humanidade sentiria então que uma nova época ia realmente começar!

Delicioso livro de comentários de «higiene do corpo e da alma». Preço 8\$00 — Pelo correio 9\$00, à cobrança 10\$00.

PALAVRAS DE UM MÉDICO

(3.ª série)

IV

Civismo

Quando, em outros tempos, ia a Paris, muitas vezes reparei no seguinte:

Pela manhã, os transeúntes, ao passarem pelos quiosques dos jornais, pegavam num e deixavam o dinheiro em cima dos restantes. Era raro, àquela hora, encontrar-se alguém no quiosque...

Uma vez, em Bruxelas, reparei que, à entrada de um lindo jardim, havia um letreiro que dizia:

«Neste jardim não há guardas: foi construído para recreio do povo, e ao povo se entrega a sua guarda».

Li algures que, numa cidade da Suíça, estava muito simplificado o serviço doméstico. À noite, as criadas deixavam, na soleira da porta da rua, a vasilha para o leite, e o respectivo dinheiro.

Pela manhã passava o leiteiro, despejava o leite no recipiente e levava o dinheiro. Acrescentava-se que, naquela cidade, não havia guardas nocturnos.

Quando foi da outra guerra, contou-me um colega meu amigo, que pertenceu ao Corpo Expedicionário Português, que várias vezes assistiu a episódios como este, à rectangular do campo de batalha:

Ranchos de camponeses passavam o dia a colher batatas. Como ao anoitecer não tinha acabado a tarefa, retiravam-se descansados para suas casas, deixando sobre a terra revolvida as batatas que tinham tirado, assim como a ferramenta do trabalho.

Na manhã seguinte, voltavam à faina agrícola, e encontravam intacto o que tinham deixado na véspera.

O meu colega espantava-se com tais factos, que eram perfeitamente normais na Flandres, mas não se atrevia a manifestar a sua estranheza.

Que diria de nós o povo daquela terra, se um português de categoria se admirasse de haver, algures, quem respeitava o que não era seu?

Também não quero fazer confrontos, nem comentários, pois tenho a certeza que, ao lerem este artigo, os farão, melhor que eu, os quatrocentos mil assinantes da «Voz da Fátima». E também estou convencido que eles pensarão como eu:

Não é com as super-fortalezas voadoras, nem com as bombas volantes, que a paz voltará ao seio dos homens.

Só gozaremos a paz, quando os homens se convencerem que têm de voltar à prática integral dos Mandamentos da Lei de Deus.

J. A. Pires de Lima

Tiragem da «VOZ DA FATIMA»

NO MÊS DE FEVEREIRO

Algarve	9.001
Angra	21.579
Aveiro	9.267
Beja	5.646
Braga	75.630
Bragança	13.672
Coimbra	16.016
Évora	4.345
Funchal	14.266
Guarda	18.239
Lamego	9.182
Leiria	14.701
Lisboa	15.809
Portalegre	13.638
Pôrto	52.710
Vila Real	6.468
Viseu	8.304
<hr/>	
Estrangeiro	308.473
Diversos	3.722
<hr/>	
	10.225
<hr/>	
	322.420

BIBLIOTECA DA CASA DOS RETIROS DO SANTUÁRIO DA FATIMA

Está em organização, e agradecemos a oferta de livros que nos queiram mandar para a referida Biblioteca cuja necessidade há muito se faz sentir.

A. LINO NETTO

TIMONEIRO SEGURO

Jesus chegara a Cafarnaum e logo a notícia se espalhou por toda a cidade. Numa noite a sinagoga estava à pinha.

Crentes e incrédulos, amigos e inimigos do Mestre, invejosos e intrigantes enchiam o recinto.

Jesus acabara de declarar que o Seu corpo era verdadeira comida e o Seu sangue verdadeira bebida; e que, quem não se alimentasse do Seu corpo e sangue, não teria a vida eterna.

Profundo espanto se apodera dos ouvintes. Murmuram escandalizados e não acreditam em palavras tão duras. Em sinal, pois, de protesto e desprêso saem e abandonam o Rabi.

Ficam apenas os doze. Jesus então, com a tristeza das almas incompreendidas pintada no rosto, volta-se para eles e pergunta se também O querem abandonar.

E, então que Pedro, em nome de todos responde com veemência e ardente fé: «A quem havemos de nós ir, Senhor? Só Vós tendes palavras de vida eterna». Fé ardente que tempo depois o leva a proclamar a divindade do Mestre: — «Vós sois o Cristo, Filho de Deus vivo!» Fé viva e profunda que lhe merece ser nomeado por Jesus, o Chefe da Igreja que viera fundar: — Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja. E as portas do inferno não prevalecerão contra ela.

Profecia infalível e bendita que a experiência de vinte séculos vem confirmando continuamente. Verdade luminosa que clareia como o iris de esperança os horizontes caliginosos do mundo actual.

O mundo é neste momento, mar tempestuoso e revólto onde se debatem em fúria macabra os vagalhões indômitos de falsas e desencontradas ideologias, de desenfreados orgulhos, egoísmos e paixões.

Há gritos de angústia clamando justiça na noite densa e tenebrosa. Há ansia de verdade e certeza na escuridão dos espíritos atormentados pela dúvida, desorientados pelo torvelinho de idéias em que se debatem.

Mas no meio desta confrangedora cerração fulge um fanal que as mais densas nuvens da procela ou do fu-

mo dos incêndios e bombardeamentos não consegue ofuscar. No meio do debater furioso das vagas, mantém-se firme e inamovível uma rocha que nenhum poder do mundo consegue abalar.

Esse fanal, esse rochedo é o Papa, o Pedro do século XX e que neste momento se chama S. Santidade Pio XII, Chefe visível da Igreja que Jesus declarara invencível até contra o próprio inferno.

E para esta figura inagostosa, para esta inteligência divinamente iluminada pelo Espírito Santo, para este coração bondosíssimo que, à semelhança do de Jesus, se alarga para abarcar paternalmente a humanidade sofredora, que se volvem ansiosos os olhos ávidos da luz serena da Verdade infalível, se estendem súplices as mãos enclavinadas dos que se sentem naufragar, pedindo auxílio, conforto e amor.

Os próprios incrédulos olham admirados e se curvam respeitosos perante a figura inconfundível do Papa, timoneiro infatigável sempre ao leme da grande barca da Igreja Católica que o Senhor lhe confiou.

Nesta hora dolorosa em que o seu coração de Pai comum da humanidade sofre por vir tantos desvarios, tantas mortes a enlutar as almas, tanto sangue a cuspar a terra, nós os seus filhos mais fiéis sabemos sofrer com ele a dor dos nossos irmãos. Sabemos consolá-lo com a nossa obediência filial acatando dócilmente a sua orientação e ensinamentos, da revolta e afastamento de tantos até que se dizem católicos.

Católicos de verdade, curvamo-nos com veneração e amor perante S. Santidade Pio XII ao celebrarmos o aniversário da sua coroação.

Católicos de fé sincera e viva, vemos nele, não um simples homem, mas o Chefe visível da Santa Igreja, o doce Jesus na terra e que, como Ele, repete no íntimo do seu coração compassivo: — «Misereor super turbam» — Tenho dó desta multidão que sofre.

Unamos às suas as nossas orações fervorosas pedindo ao Céu aqui-o por que o seu coração tanto anseia — a paz de Cristo no Reino de Cristo.

MOSS

Crónica financeira

À medida que nos vamos aproximando do fim da guerra, vão-se avolumando os cuidados daqueles que têm sobre si a responsabilidade, por vezes pesadíssima, de administrar uma casa agrícola, comercial ou industrial, principalmente se nela giram dinheiros alheios como geralmente sucede.

Quando foi da outra guerra, à medida que os preços iam subindo, a lavoura, a indústria e o comércio foram-se individualizando. O dinheiro era a todos, toda a gente tinha lucros nunca vistos (menos os funcionários e os capitalistas), o crédito era sem limites e sucedeu esta coisa curiosa que quanto mais subiam os lucros mais se avolumavam as dívidas. E só ao lavar dos cestos se viu que os lucros eram aparentes e só as dívidas eram reais e que tudo empobrecera a cuidar que enriquecia.

Desde o princípio das hostilidades, isto é, desde 1939, que temos tido o cuidado de lembrar estas coisas aos nossos leitores mais velhos e de as ir ensinando aos mais novos para que não venham a cair no fim desta guerra na mesma ratoeira em que tantos caíram no fim da outra.

Enquanto a outra guerra durou, os preços subiram sempre em todas as nações, beligerantes ou não. Acabada ela, os preços continuaram subindo igualmente em todas as nações, até aos princípios de 1920. Quere dizer, durante ano e meio depois da guerra, os preços ainda subiram e só depois começaram a baixar em muitas nações. Em relação ao ouro, pode mesmo dizer-se que baixaram em todas as nações. E foi então que se deu a primeira crise, em as nações de moeda forte.

Em Portugal a crise veio mais tarde, mas veio também. Pelo S. João de 1923 o dinheiro sumiu-se de tal modo que era difícil, se não impossível, a uma casa de negócio que não fosse muito forte, arranjar de empréstimo um pataco. Os descontos e as reformas tornaram-se igualmente custosos. Os preços começaram a baixar, o juro a subir e quem tinha dívidas ficou apanhado na ratoeira e andaram com muita sorte os que conseguiram evitar a falência. Todos aqueles lucros e farturas de dinheiro, vieram a parar nisto...

Com esta guerra há-de suceder coisa parecida, mas ainda estamos longe da resaca. A política a seguir por enquanto continua sendo a mesma: defender os stocks e, podendo ser, aumentá-los como reservas para o futuro. A Europa está exausta. Findas as hostilidades, todos os géneros, mercadorias e toneladas disponíveis serão postos ao serviço dos povos a quem a guerra deixou famintos e nus, que perfozaram mais de 400 milhões de almas, só na Europa. Enquanto se não normalizar a vida económica de toda essa gente, não se pode pensar em baixa de preços, nem em ouro, nem em papel.

Pacheco de Amorim

Fátima em 65 vistas

Curiosíssimo repositório de fotografias do Santuário e de peregrinações.

Preço 3\$50 — Pelo correio 4\$00, à cobrança 5\$00.